



Racism in brazilian football: Club de Regatas Vasco da Gama and its impact on black communities

Racismo no futebol brasileiro: Club de Regatas Vasco da Gama e seu impacto nas comunidades negras

MIRANDA, Matheus Vinycius Moraes Lima de ⁽¹⁾

⁽¹⁾  0009-0005-3092-7514; Universidade Federal de Alagoas, Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, Unidade Educacional Palmeira dos Índios, Arapiraca, AL, Brasil. matheus.miranda@arapiraca.ufal.br.

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

This article aims to investigate the theme of racism in Brazilian football, specifically in the context of Club de Regatas Vasco da Gama, and its impact on black communities. Vasco da Gama is one of the most iconic clubs in Brazil, known for its history and tradition, but also for its connection to social issues. This study examines how racism affects not only black athletes but also the identity and self-esteem of black communities associated with the club. The article presents a literature review on racism in football, emphasizing the importance of investigating the specific context of Vasco da Gama. Additionally, it outlines the methodology used, which includes the analysis of interviews, testimonials, and historical data. The results of this study have potential to contribute to a deeper understanding of the complex dynamics in football and provide valuable insights for promoting equality and inclusion in the Brazilian football landscape.

RESUMO

Este artigo se propõe a investigar o tema do racismo no futebol brasileiro, especificamente no contexto do Club de Regatas Vasco da Gama, e seu impacto nas comunidades negras. O Vasco da Gama é um dos clubes mais emblemáticos do Brasil, conhecido por sua história e tradição, mas também por sua relação com questões sociais. Este estudo examina como o racismo afeta não só os atletas negros, mas também a identidade e autoestima das comunidades negras ligadas ao clube. O artigo apresenta uma revisão de literatura sobre racismo no futebol, destacando a importância de investigar o contexto específico do Vasco da Gama. Além disso, delinea a metodologia utilizada, que inclui a análise de entrevistas, depoimentos e dados históricos. Os resultados desse estudo têm o potencial de contribuir para uma compreensão mais profunda das complexas dinâmicas raciais no futebol e fornecer contribuições valiosas para a promoção da igualdade e inclusão no cenário futebolístico brasileiro.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 29/12/2024

Aprovado: 17/07/2025

Publicação: 16/09/2025



Keywords:

Football,
Psychology,
Identity.

Palavras-Chave:

Futebol,
Psicologia,
Identidade.

Introdução

Este artigo é fruto da pesquisa de conclusão da disciplina de Sociedade, Cultura e Realidade local¹, do curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, campus Arapiraca, Unidade Educacional Palmeira dos Índios, que se interessou em investigar o racismo no futebol brasileiro, no contexto do Club de Regatas Vasco da Gama, assim, analisando o seu impacto nas comunidades negras.

O futebol é muitas vezes considerado um espaço onde talento, esforço e determinação são os únicos fatores que determinam o sucesso. Porém, a realidade é mais complexa, especialmente quando se trata de questões raciais, de acordo com Santos (1984, p. 41), “nosso preconceito racial, zelosamente guardado, vem à tona, quase sempre, num momento de competição. (O futebol é um caso mais típico de ‘momento de competição’)”. O racismo no futebol é um grave problema mundial que persiste mesmo com os avanços sociais e legais da última década. O Brasil, um país conhecido por sua diversidade racial e sua paixão pelo futebol, não está imune a essa questão, visto que apesar do movimento negro ter alcançado em 1989 a aprovação da Lei nº 7.716, que estabelece os delitos de discriminação racial, juntamente com outras legislações de mesmo propósito, como o Estatuto da Igualdade Racial de 2010 e a instituição de medidas de ação afirmativa em 2012, a população negra ainda não desfruta plenamente dos seus direitos de cidadania.

Dessa forma, um dos clubes esportivos mais emblemáticos do país, o Club de Regatas Vasco da Gama, serve como um ponto de partida para explorar essa problemática, já que possui uma relação de ambiguidade com a questão racial. Ao longo de sua trajetória, o clube teve atletas negos que alcançaram o sucesso e a adoração dos torcedores, mas também sofreram discriminação racial. Sendo assim, este artigo busca analisar os impactos do racismo em relação à identidade e à autoestima das pessoas que compõem as comunidades negras que se identificam com o clube. Afinal, o esporte desempenha um papel significativo na formação da identidade de indivíduos e comunidades.

Nesse contexto, é apresentado uma revisão de literatura, no qual os conhecimentos adquiridos foram organizados de maneira reflexiva (Gil, 2008 & Will, 2012), sobre o racismo no esporte, destacando a necessidade de uma análise específica do Clube de Regatas Vasco da Gama e buscando entender: “Como as experiências do racismo afetam a identidade dos sujeitos atravessados pelo marcador racial? E de que forma isso afeta os indivíduos que possuem uma identificação pelo Club de Regatas Vasco da Gama?” e “como essas experiências

¹ Artigo orientado por Mayk Andreele do Nascimento 0000-0001-9975-415X, Professor Adjunto IV da Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, Unidade Educacional Palmeira dos Índios. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (2007), Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2010) e Doutor em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2014). E-mail: mayk.nascimento@palmeira.ufal.br.

moldam a percepção que essas comunidades têm de si mesmas e de sua relação com o esporte?”.

A metodologia adotada para responder essas perguntas foi a coleta e análise de entrevistas, depoimentos e dados históricos relacionados ao clube, visto que a metodologia representa um suporte para analisar a essência dos fenômenos, sejam naturais ou sociais, ou seja, é o “[...] caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (Minayo, 2015, p. 14). Logo, os resultados desse estudo têm potencial de lançar luz sobre as complexas dinâmicas raciais no esporte brasileiro, contribuindo para o diálogo sobre igualdade e inclusão em um contexto esportivo que desafia estereótipos e preconceitos há muito tempo enraizados.

Importância histórica do Clube de Regatas Vasco da gama na promoção de inclusão racial

No Rio de Janeiro, o remo era o esporte mais praticado entre os cariocas no final do século XIX, contando com diversos clubes, como o Club de Regatas Fluminense (1892) e o Grupo de Regatas Botafogo (1894), que visavam a prática do esporte e o seu aperfeiçoamento. Com o avanço do remo, segundo Mauro Prais (2011), pesquisador do Clube de Regatas Vasco da Gama, cerca de 62 rapazes, juntaram-se em uma sala da Sociedade Dramática Filhos de Talma, no bairro da Saúde, e decidiram fundar uma associação dedicada à prática do remo, com o nome: Club de Regatas Vasco da Gama.

Com o passar dos anos as conquistas do Vasco foram acumulando-se, conquistando um notável tricampeonato em 1912, 1913 e 1914, que consolidou o Vasco como o principal clube náutico do Rio de Janeiro e uma potência no remo brasileiro. No início do século XX, um novo esporte desperta a atenção dos cariocas. Importado da Inglaterra, o *football* começa a provocar interesse na população do rio de janeiro, no entanto “o futebol aportou por aqui elitista e racista, cheio de nove-horas e de não me toques, prática proibida para pretos, mulatos e brancos pobres. Durou décadas até chegar ao povo e engrandecer-se” (Milan, 2014, p. 139).

Em 26 de novembro de 1915 os sócios do Luzitania Sport Club decidem tornar-se associados ao Vasco da Gama, assim, aderindo a uma instituição com valores e princípios já consolidados. Com isso, dando origem ao departamento de futebol do Club de Regatas Vasco da Gama. Após a posse de Marcílio Telles em 17/ 01/ 1916, foi solicitado o requerimento para a filiação do Vasco à Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LMSA), que notificou a sua aprovação em 29 de fevereiro de 1916. No mesmo ano, o time já participaria da terceira divisão do campeonato.

Figura 1.

Recorte do Jornal Gazeta de Notícias do dia 29 de janeiro de 1916



Nota: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pesq=%22paladino%20fc%22&p&pagfis=36990

Nos anos seguintes à estreia na terceira divisão, o desempenho do time cruzmaltino melhorou notavelmente, graças à sua política de inclusão racial, já que para fortalecer o seu elenco, o Vasco buscava recrutar talentos de forma imparcial, o principal critério dos dirigentes era “ser bom de bola” (Santana, 2003). Dessa forma, foi sua política de abertura e assimilação que permitiu o início de uma trajetória de vitórias do futebol vascaíno. Assim, gerando um impacto na social, visto que “o futebol é, e sempre foi, um espelho no qual estão refletidas as formas pelas quais as relações sociais se estabelecem” (Luccas, 1998, p. 43).

Entretanto, com a tentativa de implementação da Nova Lei do Amadorismo em 1916, que “descrevia taxativamente as profissões “imorais” para o atleta amador de futebol” (Santana, 2023), e sua aprovação em 1917, a LMSA se tornou a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), e trazia o analfabetismo como um dos principais impeditivos para ser um jogador inscrito na liga. Dessa forma, os dirigentes da LMDT tentavam de forma institucional impedir que o negro praticasse o esporte.

A questão do ethos amador versus profissionalismo parece ser o argumento utilizado para, de forma sutil, criar mecanismos de resistência à participação de um número cada vez maior de jogadores operários, de profissão baixa (negros e mestiços) no futebol (Silva & Votre, 2006, p. 45).

Diante do contexto, a maioria da população brasileira era analfabeta, índice que atingia especificamente a comunidades negra do país. Desse modo:

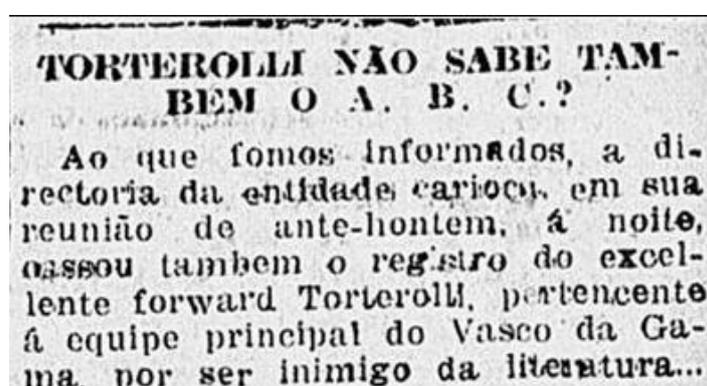
Atletas analfabetos, semianalfabetos ou mesmo todos aqueles que eram expostos ao constrangimento de terem de escrever de próprio punho a sua inscrição como amadores de futebol na Liga Metropolitana ou fazerem sua opção de mudança de clube, ambas realizadas diante do presidente ou qualquer

outro dirigente da entidade, poderiam ser proibidos de entrarem ou seguirem na Liga (Santana, 2023).

O uso do analfabetismo como quesito para a entrada de jogadores, ou até mesmo, a exclusão destes, passou a ser a principal marca da Liga Metropolitana. Por conseguinte, os jogadores vascaínos passaram a ser perseguidos pelos dirigentes da Liga. Porém, após o trabalho do bibliotecário do clube, Custódio de Moura, que ficou encarregado da missão de alfabetizar os atletas mesmo sem receber para isso. Os jogadores do clube aprenderam a escrever os dados necessários, por mais que muitos não apresentassem uma boa ortografia, para o pedido de inscrição ou mudança de clube da LMDT.

Figura 2.

Caça aos jogadores vascaínos (O imparcial, 1923)



Nota: O Imparcial, 24 de agosto de 1922, p. 10.

Após anos de experiência dentro do campeonato, em 1922, o Club de Regatas Vasco da Gama, com um time composto por negros e pobres, ganharia o Campeonato da Série B da 1ª Divisão, assim, dando acesso para a Série A da 1ª Divisão. Entretanto, um novo regulamento da LMDT, válido a partir de 1921, dificultava esse acesso, visto que

o campeão da Série B da 1.ª Divisão jogava a sua chance de acesso contra o último colocado da Série A da 1.ª Divisão. Caso vencesse a partida, o campeão da Série B enfrentava o campeão da Série A para daí sair o campeão de futebol da cidade do Rio de Janeiro (Santana, 2023).

Em 5 de novembro de 1922, o Vasco realizava a partida eliminatória, enfrentando o São Christovão (último colocado da Série A da 1ª Divisão). O resultado final foi o a o, assim, provocando um jogo para desempate. Entretanto, a LMDT deu a vitória ao São Christovão, pois segundo a Liga, o Vasco desobedeceu a uma regra presente no estatuto após o jogador Leitão refazer sua opção pelo Vasco no dia 4 de novembro de 1922.

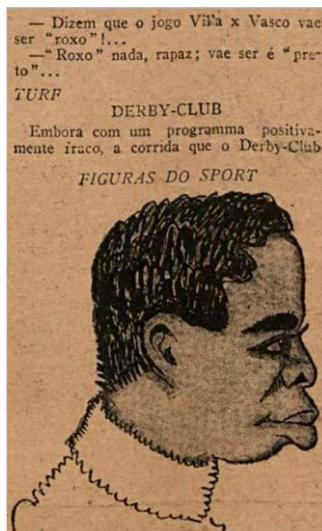
Segundo a Liga, os jogadores ao realizarem a opção de clube, só poderiam jogar 30 dias depois. O jogador vascaíno foi obrigado a refazer sua inscrição na Liga, pois os dirigentes da Liga afirmavam que o documento feito pelo jogador Leitão de opção para sair do Bangu e ir

para o Vasco estava “mal escrito” (Santana, 2023). Dessa forma, provocando ao jogador vascaíno sentimentos de inferioridade, incapacidade e culpa, visto que devido a essa situação o clube poderia perder a possibilidade de acesso, e a culpa cairia no jogador.

Após muita discussão “a Liga Metropolitana resolveu não organizar outra partida-desempate, decretou o América campeão do Rio de Janeiro, não rebaixou o São Christovão e o Vasco obteve o acesso para a Série A do campeonato” (Santana, 2023). Dessa forma, a agremiação vascaína finalmente conseguiria disputar contra os grandes times da elite carioca. Entretanto, com o acesso para a Série A as perseguições e ofensas intensificaram-se, pois, o clube cruzmaltino foi o responsável por dar espaço para os “indesejáveis” no futebol brasileiro. Por conseguinte, explicitando mais uma vez o racismo na sociedade.

Figura 3.

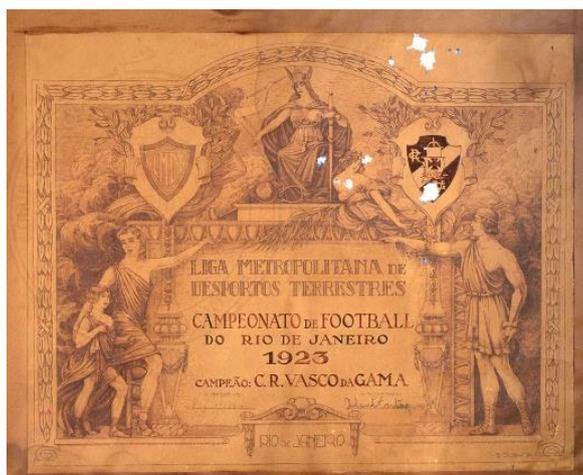
Nelson, retratado por uma parte da imprensa



Nota: Representação racista de Nelson da Conceição. O Malho, 22 de abril de 1922, p. 39. Acervo: Biblioteca Nacional

Mesmo sendo alvo de perseguições, em 1923 conquista o Campeonato Carioca, organizado pela LMDT, com uma “equipe formada por atletas negros e brancos, de baixa condição social, dos quais poucos sabiam ler e escrever de acordo com as exigências dos ‘defensores da moral do esporte’” (Santana, 2023). Uma campanha absurda, com 11 vitórias, 2 empates e apenas 1 derrota. A equipe ficou conhecida como “os camisas negras”, apelido dado pela imprensa ao time que adquiriu fama de imbatível.

Com o uniforme preto – ainda sem a faixa diagonal – de gola branca e com uma cruz vermelha, semelhante à da Ordem de Cristo, no lado esquerdo do peito, Néelson, Leitão e Mingote; Nicolino, Claudionor e Artur; Paschoal, Torterolli, Arlindo, Cecy e Negrito foram os 11 vascaínos abusados, alguns deles negros e mulatos, que quebraram definitivamente a hegemonia de América, Fluminense, Botafogo e Flamengo, clubes nos quais atuavam somente jogadores brancos (Vasco da Gama, 2023).

Figura 4.*Diploma de Campeão (1923)*

Nota: Centro de Memória CRVG.

Com a vitória vascaína em 1923, o futebol carioca entra em crise, já que era inadmissível um time formado “pelos indesejáveis”, especificamente por negros, ganhar o carioca. Os clubes da elite carioca decidem romper com a LMDT e fundar uma entidade nova: a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA). Seus clubes fundadores foram: Botafogo, Flamengo, América, Bangu e Fluminense.

O Vasco foi convidado para filiar-se à AMEA, mas não como fundador. Dessa forma, o Clube de Regatas Vasco da Gama desfilou-se à LMDT e solicitou a sua filiação à AMEA. Entretanto, a Comissão Organizadora exigiu uma série de documentos e informações como: O nome completo de cada jogador, seu local de trabalho atual e o anterior. O objetivo era descobrir quais jogares vieram das camadas populares do Rio de Janeiro.

Figura 5.
Exigências para filiação na AMEA

INDICAÇÃO :
 1—da data da sua fundação;
 2—do local da sua sede e campo de exercícios athleticos;
 3)—dos característicos de uma e de outro;
 4)—da natureza do título e sob o qual occupa esse campo, se o de propriedade ou arrendamento;
 5)—no segundo caso, qual a duração do prazo de arrendamento;
 6)—dos esportes que pratica de modo permanente;
 7)—dos em que poderá disputar campeonatos este anno, a começar em principios de maio;
 8)—do numero e nome por extenso e dos athletas que possui, indicando o esporte a que se dedica;
 9)—da resistencia de cada um dos seus athletas;
 10)—da profissão que exercem actualmente e da que exerceram anteriormente;
 11)—dos endereços dos locais onde

a exerciam e exercem, bem como dos nomes das pessoas, sob cuja direcção os exerciam e exercem;
 12)—das victorias esportivas obtidas até esta data, e em que sports;
 13)—do nome das pessoas que têm representado na L. M. D. T. até esta data;
 14)—do nome dos seus directores actuaes;
 15)—o numero de associados;
 16)—fornecer um exemplar dos estatutos e regimento interno.

Nota: Exigências para a filiação na AMEA. O Imparcial, 13 de março de 1924, p. 10

Com isso, no dia 30 de março de 1924, a Comissão Organizadora da AMEA se reuniu e decidiu solicitar a exclusão de 12 jogadores do clube vascaíno, sendo 7 da equipe principal e 5 do time reserva. A maioria desses jogadores eram negros, e isso reforçava que a AMEA não gostaria de ter negros jogando na elite do futebol carioca, e que preferia manter os seus privilégios. Assim, de acordo com Santos (1984, p. 43) “a cabeça de uma sociedade é, em geral, feita pela sua classe dominante - com o objetivo duplo de manter seus privilégios e deixá-la dormir em paz”. Nessa perspectiva, a AMEA buscava veicular e disseminar as ideias da elite carioca por meio do esporte, já que o futebol é um veículo ideológico de grande força.

Com isso, José Augusto Prestes, presidente do clube, tentou negociar de várias formas, todas sem sucesso. “Os dirigentes da nova entidade queriam um Vasco sem seus campeões e na posição de uma agremiação secundária” (Santana, 2023). Em 7 de abril de 1924, José Augusto Prestes com apoio da diretoria assina no Ofício nº 261, que mais tarde ficaria conhecido como a “Resposta Histórica”. O clube desistia da AMEA e continuaria com seus jogadores. Como resposta ao Ofício nº 261, Arnaldo Guinle, presidente da Comissão

Organizadora da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos, emite um ofício, no qual um trecho em específico merece atenção:

(...) alimentavamos a esperança de que, para o futuro, ele fizesse todos os esforços para constituir equipes genuinamente portuguesas, porquanto ao nosso ver, não havia em nosso meio outra colonia capaz de apresentar melhores elementos que a portuguesa para uma demonstração sportiva de verdadeiras qualidades desta nobre raça secular (Guinle, 1924).

É perceptível, que a AMEA tinha interesse de excluir o negro do futebol e estigmatizar o Vasco como um “pária estrangeiro”, que lutaria contra os “clubes verdadeiramente brasileiros”. Desse modo, o Vasco da Gama, o clube que melhor representava a diversidade da população brasileira, “decidiu não permanecer na elite do futebol e retornou, com todos àqueles que cobriram seu pavilhão de glórias, para a Liga Metropolitana” (Santana, 2023).

É notório que desde sua fundação o Club de Regatas Vasco da Gama contribui constantemente para a luta racial e inclusão no futebol brasileiro, e conseqüentemente, influenciando a sociedade e a cultura do Brasil. Assim, Mario Filho (2002) vai destacar que a construção e fortalecimento do sentimento de nacionalidade só foi possível graças a incorporação do negro e do mulato ao futebol, já que sua contribuição foi valorizada e classificada com positiva. Dessa forma, é possível compreender a importância histórica do Vasco na luta contra o racismo na sociedade brasileira.

Impacto cultural e social do Vasco na luta contra o racismo no Brasil

Com a vitória dos “camisas negras” em 1923 e a “Resposta Histórica” em 1924, o Club de Regatas Vasco da Gama deixa bastante claro que o futebol pode ser praticado por pessoas de todas as origens étnicas e sociais. A atitude da agremiação vascaína gerou um impacto profundo na sociedade e na cultura brasileira da época.

(..) o futebol brasileiro começou a ser do povo. Começou a forjar a tolerância, traço fundamental da cultura brasileira, que possibilitou a diversidade e a riqueza racial e cultural que vivenciamos hoje. No ano de 1923 começou a ser possível conhecermos Pelé, Garrincha, Didi, Barbosa, Romário e tantos e tantos outros talentos inigualáveis do nosso esporte. E o Vasco deu o seu mais importante passo para ser o gigante no qual ele se tornou (Vasco da Gama, 2023).

O pioneirismo vascaína na luta racial possibilitou a inserção negro nos mais diversos clubes, entretanto, de maneira lenta e recheada de preconceitos. É importante ressaltar que o clube não apenas defendeu a ideia da inserção do negro, mas também colocou essa filosofia em prática. Contudo, as ações do clube resultaram na abertura de uma porta para os negros e trabalhadores nos tradicionais clubes cariocas, e conseqüentemente, possibilitando a ascensão

social do negro na sociedade brasileira. O negro, que era marginalizado, passa a ser exaltado pelos grupos que o discriminava.

Mário filho (2002), em seu livro “O negro no futebol brasileiro”, vai apresentar por meio de uma análise do eixo Rio-São Paulo, que o desenvolvimento do futebol no país possibilitou a construção do mito do futebol brasileiro, no qual o negro torna-se elemento central na constituição de uma identidade focada no estilo de jogo brasileiro.

Nesse sentido, a elite futebolística começa a seguir os mesmos passos do clube cruzmaltino, mesmo que de forma tímida. Assim, o futebol passa a ser praticado majoritariamente por negros e pobres, “abraçando grande maioria da população, ignorando questões raciais, étnicas, ou mesmo simbólicas, possibilitando então uma forma de integração social, dentro de um novo campus social, que englobaria toda a sociedade do Rio de Janeiro” (Silva, 2021). Ou seja, mesmo contrariando o desejo das equipes da alta classe, já era preciso aceitar e coexistir com o negro, tanto no campo quanto nas arquibancadas.

Isso transformou o futebol em um esporte verdadeiramente popular, assim, tornando-se uma ferramenta de integração social, e conseqüentemente, gerando um novo cenário social e cultural no Rio de Janeiro e em todo o país. Da Conceição (2014, p. 7) vai afirmar que “o interesse no esporte está na sua capacidade de reproduzir condições sociais, sejam elas nas relações de trabalho, sejam de amortecimento das tensões sociais”. Nessa perspectiva, a fala de Da Conceição vai ressaltar como o futebol possui uma capacidade de influenciar a sociedade e as dinâmicas culturais.

Logo, mesmo com as ressalvas iniciais dos grandes times cariocas, já não havia possibilidade de ignorar a influência cultural e social do Club de Regatas Vasco da Gama, assim como não era possível desprezar a presença dos negros no futebol. “Domingos Antônio da Guia e Leônidas da Silva, jogadores negros que alcançaram enorme admiração, são um exemplo dessa mudança que se aprofunda na década de 1930” (Silva, 2021).

Clube de Regatas Vasco da Gama e a constituição da identidade das comunidades negras

Ciampa (1987) & Pinto e Ferreira (2014, p. 261) vão ressaltar que a identidade dos sujeitos está em constante mudança, e é resultante das interações entre a história pessoal, o contexto sociocultural e os objetivos individuais. Nesse sentido, as mudanças socioculturais citadas no tópico a cima foram de extrema importância na composição da identidade das comunidades negras da época. Visto que o negro passa a desenvolver um senso de autoestima e confiança sobre si, e conseqüentemente, construindo uma relação de identidade e laço com o Clube de Regatas Vasco da Gama.

Nessa perspectiva, os enfrentamentos ao racismo pela agremiação vascaína deram visibilidade aos marginalizados pela sociedade, possibilitando a criação de um laço com essa população, por conseguinte, levando para fora de campo toda a sua luta contra o racismo,

especificamente contra o estrutural. O objetivo do Vasco passa a ser não apenas desenvolver talentos no futebol, mas também criar melhores oportunidades de vida para jovens negros em situação de vulnerabilidade social, visto que o futebol passa a ser um dos principais caminhos de ascensão social para o negro, principalmente com a profissionalização do futebol em 1933.

Os negros foram personagens fundamentais para a conquista do título de 1923, e continuaram sendo extremamente importantes no desenvolvimento da história vitoriosa do Vasco da Gama. Entretanto, Ferreira e Mattos (2007) vão afirmar que na sociedade brasileira houve um processo de desqualificação do negro, no qual, criaram-se referências estigmatizadas de ordem física, intelectual e social, que afetou não apenas o jogador, mas também os que se viam representados pelo clube. Já que a sua identidade, a forma como esse sujeito se vê passa a ser questionada.

Com isso, o sujeito é sempre lembrado de sua negritude, assim, frequentemente enfrentando o estigma de sua raça. Isso significa que sua identidade é frequentemente reduzida a sua raça, enquanto suas outras características são constantemente subestimadas. Logo, o indivíduo é identificado primeiramente como negro, e isso influencia como suas ações são percebidas e julgadas. Essa experiência não é compartilhada pelos brancos, que muitas vezes são considerados como o padrão “normal”, e não têm sua identidade questionada com base na sua raça.

Por conseguinte, a maioria da população brasileira internalizou o conceito de branqueamento como um ideal, que afeta de forma inconsciente o modo como a identidade das pessoas negras é construída, pois enfraquece a noção de pertencimento das comunidades negras. Munanga (2008) ressalta que o ideal de branqueamento interfere também na formação da autoestima, pois os negros interiorizam os preconceitos negativos contra eles projetados e desenvolvem sua conduta na assimilação dos valores culturais da esfera dominante branca.

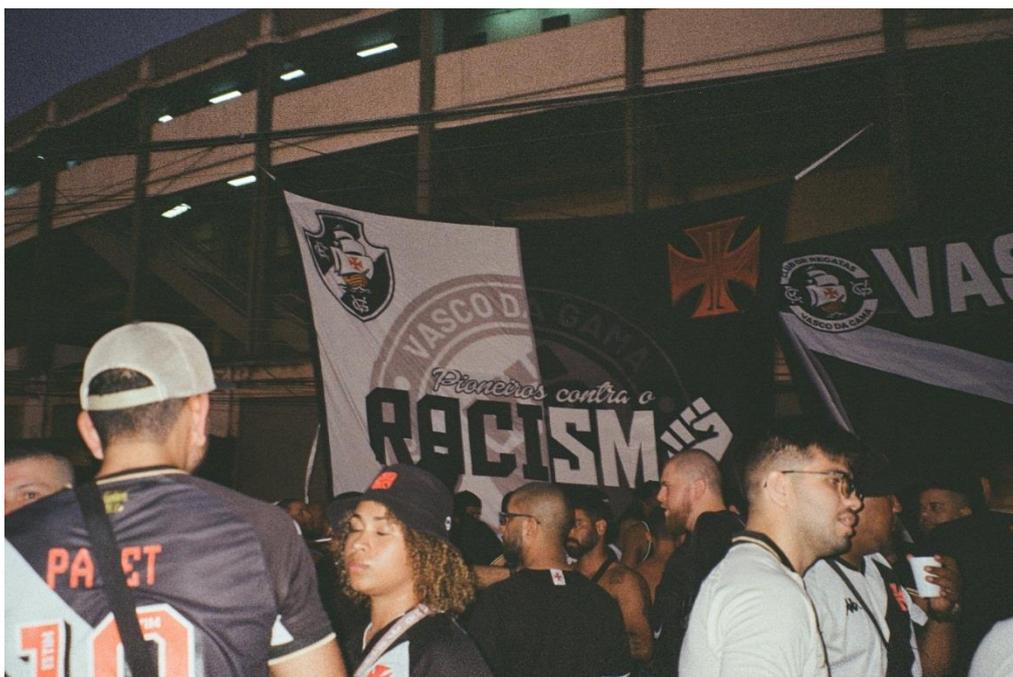
Dessa forma, os estigmas, situações de racismo e discriminações enfrentados diariamente pelos indivíduos negros têm um impacto profundo na construção de sua identidade e autoconhecimento. Estes preconceitos criam uma atmosfera que não apenas diminui a autoestima, mas também distorce a percepção que os negros têm sobre si, já que “ainda permanece a ideia de que, no futebol, vale tudo. E de que a hostilidade preconceituosa ‘faz parte do jogo’, encarando o racismo como algo aceitável”, analisa Marcel Diego Tonini, historiador e cientista social da Universidade de São Paulo (Pires, 2017).

Melucci (2004) e Melo (2015) abordam que “a identidade é dependente do retorno das informações vindas dos outros”. Logo, em uma sociedade que foi constituída com base na escravidão e em um esporte “que nasce elitista e racista em 1894, seis anos após a Abolição da Escravatura” (Luccas, 1998, p. 37), a visão que o negro possui de si pode ser contaminada pelo preconceito. Ou seja, mesmo que um indivíduo negro tenha uma imagem positiva de si, as mensagens e experiências negativas que recebe dos outros podem minar sua autoconfiança e prejudicar seu autoconhecimento.

Essa dinâmica complexa também afeta o modo como as comunidades negras se relacionam com sua própria identidade racial. Eles podem ser forçados a lidar com estereótipos prejudiciais e expectativas injustas que os outros têm sobre eles, o que ocasiona em uma busca constante por autenticidade e validação em um contexto que muitas vezes nega sua plena humanidade. Além disso, o racismo sistêmico cria obstáculos tangíveis, o que limita o desenvolvimento do autoconhecimento e das habilidades individuais. Esses desafios adicionais podem fazer com que o sujeito que faz parte das comunidades negras brasileiras tenha que gastar uma quantidade significativa de energia e recursos para superar as barreiras impostas pelo racismo, o que, por sua vez, pode afetar sua autoimagem e identidade. Desse modo, sendo gerador de sofrimento psíquico ao sujeito.

Entretanto, ao analisar a experiência dos jogadores negros do Vasco da Gama, percebe-se um processo significativo de formação da identidade pessoal e coletiva. Já que para muitos atletas, o clube serviu como um espaço de afirmação e autoafirmação, permitindo-lhes construir uma identidade positiva e resistente frente aos obstáculos do racismo. Além disso, a interação com a torcida vascaína, completamente apaixonada, e as experiências em campo oferecem uma base sólida para o fortalecimento da autoestima e da identidade pessoal dos sujeitos.

Portanto, compreender o impacto do racismo na construção da identidade é fundamental para abordar as desigualdades e promover a inclusão. Sendo assim, o Club de Regatas Vasco da Gama foi fundamental ao oferecer oportunidades iguais e reconhecimento para talentos independentemente de sua raça, não apenas promoveu a justiça social, mas também permitiu que as comunidades negras se vissem representadas e valorizadas, contribuindo para o desenvolvimento de um autoconhecimento mais positivo e uma identidade que não fosse distorcida pelo preconceito e pela discriminação. Nesse sentido, o Vasco da Gama ilustra como o esporte pode ser uma ferramenta poderosa e pode ser usada de forma positiva na construção da afirmação da identidade dos sujeitos.

Figura 6.*Vasco x Coritiba: 21/09/2023**Nota: Mariana Barros, 2023***O sofrimento psíquico, racismo e o Club de Regatas Vasco da Gama**

O sofrimento psíquico causado pelo racismo é uma realidade que afeta uma grande quantidade de pessoas ao redor no mundo. Já quando se trata de um indivíduo que se vê representado pelo Clube de Regatas Vasco da Gama, esse sofrimento pode manifestar-se de forma mais complexa, visto que existe um sentimento de paixão e um processo de identificação profundos que muitos torcedores têm com o clube.

Zamora (2012) vai afirmar que, processos de segregação operam e causam sentimentos de solidão, incapacidade, inferioridade, dependência e culpa quando os negros tentam novas formas de acessar o mundo e o trabalho. Estes sentimentos estão relacionados ao sofrimento psíquico que pode ser vivenciado por indivíduos, que se identificam com a agremiação vascaína, e se deparam com situações cotidianas que são impostas pelo racismo.

Dessa maneira, o sujeito que se identifica com o clube vai experimentar sentimentos de incapacidade diante dos desafios na luta contra a discriminação, sentimentos de inferioridade quando confrontados por estereótipos racistas e até mesmo sentimento de culpa por não ter condições mentais e físicas de mudar a situação. Assim, o ato racista será gerador de impactos da subjetividade do sujeito, de acordo com o Conselho Federal de Psicologia (2017) a tendência é que a vítima negue a atitude preconceituosa para não ter que lidar com os sentimentos gerados pela discriminação.

Além disso, é importante destacar que a falta de representação do negro em posições de alto escalão dentro dos clubes e federações é exacerbada. É difícil encontrar técnicos, presidentes e diretores de clubes que são negros. “O resultado disso é a quase invisibilidade do

negro nos lugares de comando no futebol” (Silva & Paula, 2020). Dessa forma, existe uma contribuição na quebra da identificação e da construção de uma identidade ligada ao clube, também perpetuada pela própria agremiação vascaína. Assim, a não representação causada por um racismo estrutural, também irá contribuir nos sentimentos, de inferioridade, solidão, incapacidade, dependência e culpa, ressaltados por Zamora.

Com isso, é possível afirmar que a lógica racista e opressiva dentro do futebol brasileiro vai impactar na subjetividade do sujeito, assim, afetando de forma direta ou indireta, “questões relacionadas a aspectos como: autoestima, danos emocionais, sentimentos que remetem à inferioridade, à incapacidade e à percepção depreciativa de si” (Alencar & Silva, 2021). Nesse sentido, é importante ressaltar o papel da psicologia, visto que ela desempenha um papel crucial na compreensão, prevenção e tratamento do sofrimento psíquico causado pelo racismo.

Martín-Baró (1996) vai destacar a importância que a ciência psicológica realoque o seu conhecimento ao contexto das maiorias populares, e compreenda o seu caminho histórico, pois assim, será possível a potencialização do sujeito. Nesse viés, conclui-se a importância da constituição de uma Psicologia voltada ao contexto histórico e social do negro, visto que será possível compreender e combater as causas do sofrimento psíquico gerado pelo racismo.

A dimensão subjetiva desse processo de exclusão/ inclusão social perversa consiste no sofrimento ético-político. [...] Ele revela a tonalidade ética de vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto (Sawaia, 1999, pp. 105-106).

O sofrimento psíquico enfrentado pelas comunidades negras, pensado na perspectiva trazida por Sawaia (1999), corrobora a relevância de estabelecer uma Psicologia com uma postura ético-política no combate ao racismo, porém não apenas abordando o sofrimento causado pela discriminação racial, mas também atuando com o objetivo de reduzir as causas subjacentes desse sofrimento por meio de políticas públicas que exaltem o compromisso social da Psicologia com as ditas maiorias populares, como proposto por Martín-Baró.

Sendo assim, diante do exposto, o sofrimento psíquico gerado pelo racismo, quando relacionado à identificação com o Club de Regatas Vasco da Gama, revela um problema adicional, uma vez que o futebol é uma parte intrínseca da vida de muitos sujeitos que se veem representado pelo clube. Dessa forma, as experiências de discriminação racial no contexto esportivo resultam em uma série de emoções negativas, desde a incapacidade de enfrentar desafios até sentimento de culpa e solidão.

Ademais, a falta de representação significativa de pessoas negras em posições de liderança dentro do Club de Regatas Vasco da Gama agrava ainda mais essa situação. Nesse contexto, a Psicologia desempenha um papel fundamental ao compreender, prevenir e tratar

o sofrimento psíquico causado pelo racismo. Portanto, a luta contra o racismo no futebol, e consequentemente na sociedade, exige um compromisso ético-político contínuo da Psicologia e de todos envolvidos na busca por igualdade e justiça, para assim ser possível a promoção do bem-estar psicológico dos sujeitos que se veem representados pela agremiação vascaína, e de outras comunidades afetadas que estão ou não intrinsecamente ligadas ao clube.

Considerações finais

Por meio da análise da trajetória do Vasco, é evidente que a política de inclusão racial, que culminou na vitória dos “camisas negras” em 1923 e na abertura de caminhos para a participação do negro no futebol, contribuiu na transformação do futebol em um esporte verdadeiramente popular. Além disso, a agremiação vascaína influenciou diretamente outros times a seguirem o mesmo caminho, contribuindo para a diversidade racial no futebol brasileiro e possibilitando a ascensão social dos jogadores negros.

Nesse sentido, é importante destacar que apesar dos esforços históricos do Club de Regatas Vasco da Gama e da contribuição de aparatos legislativos, como a aprovação da Lei nº 7.716, que estabelece os delitos de discriminação racial, juntamente com outras legislações de mesmo propósito, como o Estatuto da Igualdade Racial de 2010 e a instituição de medidas de ação afirmativa em 2012, o racismo no futebol brasileiro ainda persiste. Nogueira (2017), vai destacar que a escravidão deixou como legado o racismo como prática social, que mantém os privilégios dos brancos e nega a cidadania aos negros.

De acordo com o Relatório Anual de Discriminação Racial no Futebol (2021), apresentado em 24 de agosto de 2022, houve um aumento de 106% nos casos de racismo nos campos de futebol em relação ao ano anterior. Estes dados deixam claro que a discriminação racial ainda é uma realidade no futebol brasileiro, dessa forma, impossibilitando os membros que compõem as comunidades negras brasileiras de gozarem de seus direitos assegurados formalmente pela lei.

A persistência do racismo no futebol brasileiro contribui com as afetações a identidade e autoestima dos negros que se veem representados pelo clube carioca. Assim, o estigma racial, infelizmente, ainda é uma realidade para muitos, que cotidianamente são colocados em situações de inferioridade, no qual a sua identidade é questionada e subestimada. Dessa forma, sendo de extrema importância a atuação de uma Psicologia produzida de forma ético-política para esses sujeitos, dessa maneira, sendo possível compreender, prevenir e tratar o sofrimento psíquico causado pelo racismo.

Portanto, o Club de Regatas Vasco da Gama desempenhou um papel importante na promoção da igualdade racial no cenário futebolístico brasileiro, mas a luta está longe de ser finalizada. Uma das mais belas músicas da torcida vascaína diz:

Eu vou torcer
Aqui eu ergui meu templo para vencer
Eu já lutei por negros e operários

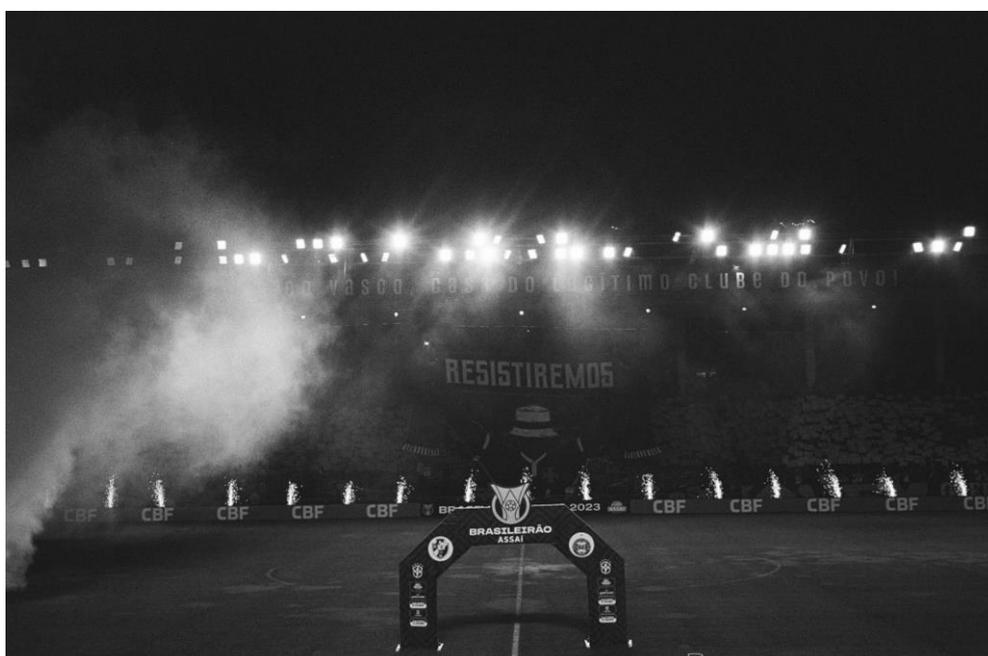
Te enfrentei, venci, fiz São Januário
Camisas Negras que guardo na memória
Glória, lutas, vitórias, esta é minha história

Que honra ser
Saiba eu sou vascaíno, muito prazer (jamais terá)
Jamais terás a Cruz, este é meu batismo
Eu tive que lutar contra o teu racismo
Veja como é grande meu sentimento
E por amor ergui este monumento
(Camisas Negras – Luta Contra o Racismo).

“O fato de ‘Ser Vasco’ é um conceito: ser alguém que a todo instante, em qualquer situação estará disposto a lutar por uma sociedade mais justa, levando em seu íntimo o amor pelo clube” (Santana, 2023). Com isso, o legado do Vasco da Gama lembra que a luta contra a desigualdade racial é contínua e de que há a necessidade de resistir ao preconceito de todas as formas. Desse modo, é fundamental que a sociedade e as instituições esportivas continuem a trabalhar juntas para combater o racismo e promover a inclusão e igualdade no esporte e na sociedade como um todo.

Figura 7.

Vasco x Coritiba: 21/09/2023



Nota: Mariana Barros, 2023

REFERÊNCIAS

- Alencar, A. V.; Silva, E. F. (2021). *Revisão sistemática sobre trabalho, racismo e sofrimento psíquico*. Psicologia: ciência e profissão. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003191716>.
- Barros, Mariana. (2023). *Vasco x Coritiba: 21/09/2023*. [Fotografia].
- Conselho Federal de Psicologia. (2017). *Relações raciais: Referências técnicas para a atuação de psicólogas/os*.
- Da conceição. Daniel M.; VAZ, Alexandre F. (2023). O esporte e seu conteúdo racista: discursos legitimadores sobre a presença e a ausência de pessoas negras. In: FERREIRA JÚNIOR, Neilton de S.; RUBIO, Katia (Orgs.). *Racismo e esporte no Brasil: um panorama crítico e propositivo*. Editora Tato: Grupo de Estudos Olímpicos.
- Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. *Diploma de Campeão (1923)*. Acervo: Centro de Memória CRVG. [Fotografia].
- Exigências para a filiação na AMEA. (13 de março de 1924). O Imparcial. (p. 10). [Fotografia].
- Ferreira, R. F.; & Mattos, R. M. (2007). *O afrobrasileiro e o debate sobre o sistema de cotas: um enfoque psicossocial*. Psicologia: ciência e profissão. v 27(1). (pp. 46-63). <https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000100005>.
- Filho, Mário. (2002). *O negro no futebol brasileiro*. Mauad.
- Gazeta de Notícias. (29 de janeiro de 1916). *Gazeta dos Sports*. Edição 00094. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pesq=%22pala+dino%20fc%22&p&pagfis=36990.
- Gil, A. C. (2008). *Metodologia do Ensino Superior*. 4ª ed. Editora Atlas.
- Guinle, Arnaldo. (1924). *Ofício da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos em réplica ao Ofício nº 261*.
- Luccas, Alexandre Nicolau. (1998). *Futebol e torcidas: um estudo psicanalítico sobre o vínculo social*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Martín-Baró, I. (1996). *O papel do Psicólogo*. Estudos de Psicologia. v 2(1). (pp. 7-27). <https://www.scielo.br/j/epsic/a/T997nnKHfd3FwVQnWYYGdqj/?format=pdf&lang=pt>.
- Melo, D. J. L. (2015). *A produção social da identidade étnico-racial e o “lugar” do Negro no Brasil: Entre construções e desconstruções* [manuscrito não-publicado]. Universidade Federal do Maranhão.
- Milan, Betty. (2014). *O país da bola*. Record.
- Minayo, Maria Cecília de Souza (org.). (2015). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Munanga, Kabengele. (2008). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Autêntica.

- Netvasco. (21 de agosto de 2015). *Vasco publica, pela 1º vez, sua ata de fundação*.
<https://www.netvasco.com.br/n/167039/vasco-publica-pela-1-vez-sua-ata-de-fundacao-veja>.
- Nogueira, Fábio. (9 de janeiro de 2017). *Governo Temer como restauração colonialista*. Le Monde Diplomatique Brasil. p. 4-5. <https://diplomatique.org.br/governo-temer-como-restauracao-colonialista/>.
- O Imparcial. (24 de agosto de 1922). p. 10. [Fotografia].
- Oliveira, Fátima. (2004). *Ser negro no Brasil: Alcances e limites*. Estudos Avançados.
<https://www.scielo.br/j/ea/a/CQmMqSJDwGS3vnSRPVZG66H/>.
- Pinto, M.; & Ferreira, Ricardo. (2014). *Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra*. Pesquisas e Práticas Psicossociais, v 9, nº 2.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082014000200011. Acesso em: 19 set. 2023.
- Pires, B. (2017). *No futebol, a face mais explícita do racismo que “faz parte do jogo”*.
https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/16/deportes/1510857476_990270.html#:~:text=Um%20dos%20raros%20e%20mais,depreciar%20o%20rival%20Jeu%C3%A2nio%20negro.
- Prais, Mauro. (2011). *História: 1898-1923*. Netvasco.
<https://www.netvasco.com.br/mauroprais/vasco/histor1.html#fundacao>.
- Relatório anual da discriminação racial no futebol 2021. (2022). Observatório da Discriminação Racial no Futebol. Museu da UFRGS.
- Representação racista de Nelson da Conceição. (22 de abril de 1922). O Malho. p. 39. Acervo: Biblioteca Nacional
- Santos, Joel R. dos. (1984). *O que é racismo*. Abril cultural & Brasiliense.
- Santana, Walmer Peres. *Resposta Histórica*. <https://crvascodagama.com/resposta-historica/>.
- Sawaia, B. B. (1999). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/ inclusão. In: SAWAIA, B. B. (org.). *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Vozes.
- Silva, Carlos A. F. da; Votre, Sebastião J. (2006). *Racismo no futebol*. HP Comunicação Editora.
- Silva, F. H. A.; Paula, P. A. F. (2020). *Os impactos do racismo na subjetividade do jogador de futebol negro*. Psicologia: ciência e profissão. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003230122>.
- Silva, Matheus dos Santos. (2021). *O futebol como forma de ascensão social do negro no início do século XX: O Rio de Janeiro e o C. R. Vasco da Gama*. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. v. 13. nº 52. (pp. 88-110).
<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1072>.

Vasco da Gama. 1923: Os camisas negas. Disponível em:

<https://vasco.com.br/conteudo/1923-os-camisas-negras/>. Acesso em: 10 set. 2023.

Vasco da Gama. *Camisas negras* (Luta Contra o Racismo). <https://spotify.link/CXIX-GKyGBDb>.

Zamora, M. H. R. N. (2012). *Desigualdade racial, racismo e seus efeitos*. Fractal: Revista de Psicologia, 24(3), pp. 563-577. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922012000300009>. Acesso em: 25 set. 2023.

Will, D. E. M. (2012). *Metodologia da pesquisa científica*. Livro digital. 2ª ed. Palhoça. Unisul Virtual.